

# TRÊS PRESSUPOSTOS PARA QUE O ESTUDO DO JORNALISMO SEJA LEVADO A SÉRIO<sup>1</sup>

(*Uma crítica à Taking journalism seriously, de Barbie Zelizer*)

Elias Machado<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo estabelecemos um diálogo com o livro *Taking Journalism seriously – News and the Academy*, da professora da *Annenberg School of Communication*, na *Universidade de Pennsylvania*, nos Estados Unidos, lançado, em 2004, e desde então considerado obra de referência entre os pesquisadores em jornalismo.

Como contribuição ao debate provocado pela obra, chamamos a atenção para os aspectos que consideramos merecedores de reparos e críticas no livro de Barbie Zelizer e destacamos alguns pressupostos para que o estudo do jornalismo seja levado a sério.

*Palavras-Chave: Pesquisa em jornalismo. Barbie Zelizer. Teorias do jornalismo.*

---

## 1. Apresentação

Em 2004 a professora Barbie Zelizer, da Universidade da Pennsylvania, nos Estados Unidos, publicou *Taking journalism seriously – News and the Academy*, um livro que tomando a sociologia do conhecimento como ponto de partida, como afirmado pela autora na apresentação, pretende revisar a bibliografia sobre jornalismo (ZELIZER, 2004). A obra, que examina os estudos sobre o jornalismo em cinco campos de pesquisa – sociologia, história, estudos de linguagem, ciência política, estudos culturais - recebeu comentários de estudiosos e resenhas em revistas especializadas (GANS, 2004; TUMBER, 2004; BRADSHAW, 2005; PONTE, 2005; 2006).

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho de Jornalismo do XV Encontro da Compós na UMESP, Bauru, SP, em junho de 2006.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia. Endereço Eletrônico: machadoe@ufba.br

A amplitude do projeto de Barbie Zelizer - o tema tratado em cada capítulo bem exigiria ser transformado em livro autônomo - teria tudo para prejudicar o resultado final, mas, como sublinhou BRADSHAW (2005), a própria estrutura do livro, muito bem organizado, demonstra o logro obtido e o credencia como texto de referência. Entre as suas contribuições citamos a legitimação dos estudos em jornalismo como campo acadêmico; o reconhecimento da necessidade de que a pesquisa estabeleça um diálogo com a prática e a sistematização das contribuições de diferentes campos para a compreensão do jornalismo.

Neste artigo, como aporte ao debate provocado pela obra, chamamos a atenção para os aspectos que consideramos merecedores de reparos e críticas no livro de Barbie Zelizer e destacamos alguns pressupostos para que o estudo do jornalismo seja levado a sério. O texto está estruturado em três partes: 1) Desafio da definição do jornalismo como disciplina científica; 2) Desafio da superação do paradigma anglo-americano e 3) Desafio da adoção da multidisciplinaridade como princípio.

## **2. O Desafio da definição do jornalismo como disciplina científica**

O primeiro ponto que chamamos a atenção é a ausência de uma definição clara do jornalismo como disciplina científica. Logo no começo do segundo capítulo Zelizer apresenta duas afirmações sobre o trabalho acadêmico e que servem como premissas do modelo metodológico que orientará o percurso da autora: definir o jornalismo não é um fato consensual e a definição do jornalismo emerge do conhecimento tácito e de estratégias interpretativas compartilhadas por determinados indivíduos (ZELIZER, 2004,13). Feitas as duas ressalvas, Zelizer assume que o livro parte do pressuposto de que o estudo do jornalismo emerge de e através de diferentes comunidades interpretativas, definidas por suas estratégias compartilhadas para interpretar evidências (ZELIZER, 2004,23).

Ao longo dos dois primeiros capítulos em que delimita o objeto, trata do jornalismo como objeto de estudo e de como a profissão é definida na bibliografia especializada e pelos profissionais, Barbie Zelizer em nenhum momento desenvolve um conceito operativo do que seja o jornalismo. Uma renúncia que Zelizer justifica afirmando que a conceituação não finaliza com a produção de conceitos; que vale a pena investigar as forças por traz da conceituação e que uma das premissas do livro é que nenhum campo detém o monopólio de saber sobre um objeto. Em decorrência desta postura, Zelizer prefere inventariar os diferentes modos como o jornalismo é concebido tanto pelos jornalistas quanto pelos pesquisadores do jornalismo. Na bibliografia consultada, Zelizer identifica cinco tipos de referências em ambos

os casos. Entre os jornalistas o jornalismo é visto como: 1) como um sexto sentido; 2) como um continente para as notícias do dia; 3) como um espelho; 4) como uma criança que necessita de cuidados especiais e 5) como um serviço, enquanto que entre os pesquisadores o jornalismo é visto como: 1) uma profissão; 2) como uma instituição; 3) como um texto; 4) como pessoas e 5) como um lugar de práticas.

Antes de empreender a revisão da bibliografia produzida pelos campos que considera mais relevantes para compreender o jornalismo, Barbie Zelizer acaba por, mais uma vez, fazer afirmações genéricas, de pouco valor heurístico, como nenhum lugar de definição é capaz de possibilitar o acesso a tudo que existe para conhecer sobre o jornalismo ou a falta de consenso sobre o jornalismo resulta do lugar que o jornalismo ocupa na academia. Composto por diferentes perspectivas disciplinares, meios de registro e padrões de análise apropriados, afirma Zelizer (2004, 43), o jornalismo torna-se um conjunto de partes contraditórias. Afirmações quase idênticas às formuladas ao final do livro: nenhuma lente disciplinar mantém todos os ângulos relevantes para gerar declarações autorizadas sobre como funciona o jornalismo (ZELIZER, 2004, 213).

Como era de se esperar, tendo em vista que parte do falso suposto de que algum campo do saber sustente a tese de conhecimento absoluto sobre o jornalismo, ao final do livro, Zelizer permanece no mesmo lugar em que estava, sem avançar um milímetro na compreensão do que seja este objeto de estudo, que continua condenado às definições elaboradas por especialistas de outros campos, obedecendo a lógicas epistemológicas e a paradigmas científicos distintos. Ora, nenhuma ciência postula o saber absoluto sobre o objeto. Cada ciência oferece uma visão limitada sobre determinado objeto de estudo, condicionada pela metodologia e pelas condições históricas de produção do conhecimento. E é em nome desta falsa questão que Zelizer renuncia a definir o jornalismo como objeto científico e o estudo do jornalismo como ciência.

É certo que, em determinado momento, Zelizer credita a falta de consenso sobre o que seja o jornalismo à dependência do conhecimento de outros campos, mas o que Zelizer não percebe é que a sistematização do conhecimento destes campos pouco contribui para romper com este tipo de situação e consolidar o jornalismo como disciplina. Mas o que mais chama a atenção no caso de Zelizer é o esquecimento de estudos que compreendem o jornalismo como disciplina, com objeto próprio, metodologias específicas e bibliografia especializada em países como Alemanha, (GROTH,1928, DOVIFAT,1931) Brasil (RIZZINI,1946;

BELTRÃO,1959; GENRO FILHO,1987)) Cuba (De LA SAUREE,1954), Estados Unidos (Dana,1895); República Checa (HUDEC,1977), Espanha (GOMIS,1974), Itália (BECHELLONI,1980), França (MATHIEN,1992), Inglaterra, (ANGELL,1922) México (RIVADANERA,1977), Portugal (TRAQUINA,2004; 2005), Suíça (CORNU,1994).

O trabalho de Zelizer incorre em erro metodológico corriqueiro. Em vez de definir o objeto de estudo, Zelizer prefere, ainda que por uma via distinta, inventariar definições sobre o jornalismo, muitas repletas de formulações tautológicas ou ingênuas. Se para definir um objeto bastasse indagar aos profissionais ou aos pesquisadores, existiriam tantos jornalismo quanto jornalistas ou pesquisadores, sem possibilidade de consenso para a compreensão da natureza do objeto. A sistematização do conhecimento, embora exaustiva, como ensina Santos (1996:16), jamais substitui o essencial - a discussão sobre o objeto – porque o corpus de uma disciplina é subordinado ao objeto e não o contrário. **A discussão deveria ser sobre o jornalismo como prática (MACHADO, 1992) como objeto do jornalismo como disciplina, em vez de sobre os conceitos de jornalismo, o que supõe a definição de um método e de categorias de análise.**

Uma tarefa dessa envergadura exige um contraste contínuo dos conceitos formulados com as mutações da realidade em movimento, isto é, a prática jornalística. Se aceito o desafio, em vez da costumeira fuga da definição do objeto, ocorreria um esforço de constituição do jornalismo como objeto científico, operacionalizado na produção conceitual. **Este esforço contribuiria para a produção de um sistema conceitual que desse conta das diversas particularidades do jornalismo enquanto prática discursiva, ponto de partida para a sistematização de conceitos-chave que são a base para a construção do jornalismo como objeto e como disciplina científica. O jornalismo como prática discursiva pode ser estudado por distintas disciplinas porque para o conjunto das disciplinas os materiais constitutivos são os mesmos, mas cada pesquisador interpreta o objeto por um prisma diferente, tendo a realidade total como critério de controle (SANTOS: 1996,17).** Como disciplina científica o jornalismo, ainda que em interdependência com as demais disciplinas, constitui uma parcela autônoma de conhecimento, que oferece um prisma de análise único desta prática discursiva.

**Ocorre que para que o jornalismo enquanto prática discursiva possa aspirar a ser um objeto analítico autônomo, dentro do conjunto das ciências sociais, necessitamos de conceitos e categorias de análise dotados de coerência e operacionalidade<sup>1</sup>.** Sem este sistema coerente de conceitos e categorias de análise cada pesquisador ficaria obrigado a reinventar o objeto

*ad infinitum*. Para evitar este tipo de comportamento, deve-se reconhecer o jornalismo como campo de conhecimento, dotado de coerência interna e externa. A coerência externa decorre da capacidade de diferenciação das demais disciplinas, complementando os conhecimentos dos outros campos no processo de compreensão do jornalismo como prática. A coerência interna se dá pela separação de categorias analíticas que, por um lado, dêem conta desta fração da realidade, própria do jornalismo como ciência e, por outro, permitam a produção de análises capazes identificar as mutações históricas do objeto (SANTOS: 1996,18).

Os conceitos utilizados devem ser internos ao objeto, isto é, o jornalismo como prática discursiva, e ao mesmo tempo constitutivos e operacionais. Sem uma visão interna do objeto corre-se o risco de ficar a mercê de conceitos externos, elaborados para atender demandas cognitivas distintas. Transplantados para o jornalismo estes conceitos mais que instrumentos de análise construídos no processo de conhecimento deste objeto são uma espécie de meta-conceito a que a prática deve ser moldada. Em uma inversão de funções, em vez de o conceito descrever e definir o objeto, constituindo conhecimento novo, o objeto é que deve se ajustar ao conhecimento prévio tido dele em outro campo do saber. Definir o jornalismo como disciplina científica, que tem o jornalismo como prática discursiva como objeto (MACHADO, 2005), o que demanda metodologias e categorias de análise próprias é, pois, o primeiro pressuposto para que o jornalismo possa ser levado a sério.

## **2. O Desafio da superação do paradigma anglo-americano**

Neste tópico gostaríamos de chamar a atenção para um segundo aspecto que consideramos mereça reparos na obra de Barbie Zelizer: a ausência da revisão da literatura da quase totalidade dos autores de fora do mundo anglo-americano e, inclusive, de algumas obras de referência de norte-americanos e ingleses. Ao contrário do que prometera no começo do livro, de evitar uma visão anglocêntrica do jornalismo, a profusão de citações de pesquisadores destes países em contraposição as escassas referências a estudos da Europa Continental, do Oriente, da América do Sul<sup>2</sup> e da África, como destaca Bradshaw (2005:398), revela que este tipo de equívoco metodológico, comum na bibliografia de língua inglesa, permanece como desafio para os estudiosos anglo-americanos<sup>3</sup>.

Como decorrência da metodologia aplicada, com exceção da breve parte em que reconstrói o que considera a formação da comunidade interpretativa de pesquisadores em jornalismo, Zelizer passa ao largo da constituição histórica do jornalismo como objeto científico autônomo, preferindo de forma, às vezes, um tanto arbitrária enquadrar os autores

dentro de rótulos como Estudos Culturais ou Sociologia, quando, talvez, o único vínculo que a obra tenha com este ou aquele campo seja o fato de ter sido concebida em um deles<sup>4</sup>. Uma atitude que tem como consequência, por um lado, a ocultação da hierarquia existente entre os pesquisadores e, por outro, a colocação em segundo plano dos conceitos e categorias de análise que considerados chave no que poderíamos chamar de Teorias sobre o Jornalismo.

Dos precursores do estudo do jornalismo nos Estados Unidos e na Inglaterra, Barbie Zelizer desconsidera duas obras seminais, ambas produzidas fora da academia por talentosos jornalistas e pesquisadores autoditadas: *The art of newspaper making*, de 1985, de Charles Dana e *The Press of the organization of Society*, de 1922, de Norman Angell. Dana<sup>5</sup>, um dos pioneiros do jornalismo nos Estados Unidos, esteve entre os primeiros a defender a uma formação específica para os jornalistas e, neste livro, fez um esforço para compreender o processo de produção de um jornal, até então, único tipo de organização jornalística. Angell<sup>6</sup>, intelectual brilhante, uma das fontes para o estudo do canadense Harold Innis sobre a constituição do jornalismo como monopólio do conhecimento, elaborou uma radiografia perfeita sobre as funções da imprensa na organização da sociedade, indo além do conjunto de lugares comuns recorrentes na bibliografia.

Entre os acadêmicos dois autores, em particular, são tratados de forma superficial, tendo suas principais obras desconsideradas: Robert Ezra Park<sup>7</sup> e Warren Breed. Em ambos os casos, Zelizer utiliza citações de artigos publicados em periódicos especializados, sem sequer indicar na bibliografia, ao final, as referências para *The Crown and the Public*, tese de doutorado de Park, defendida em 1902<sup>8</sup> e *The News, Society and Newspaperman*, de Warren Breed, tese de doutorado de Breed<sup>9</sup>. Um terceiro nome, Walter Lippmann, embora com três livros citados na bibliografia, tem uma obra essencial deixada de lado, *Liberty and News*, de 1920.

Neste pequeno livro, escrito logo depois da experiência como representante dos Estados Unidos na *Conferência de Versalhes*, que tratava dos acordos para a conclusão da I Guerra Mundial, Lippmann esboça comentários sobre as relações existentes entre o jornalismo, o conhecimento da realidade pelo público e a utilização da propaganda numa sociedade democrática. Lippmann lamenta a falta de estudos sobre o jornalismo e, em particular, sobre os critérios de seleção das notícias utilizados pelos editores. No terceiro ensaio do livro, *Liberty and News*, Lippmann elabora uma espécie de plano de estudos de

aspectos que desenvolve em *Public Opinion* e defende de forma clara a necessidade de um treinamento específico para os jornalistas (LIPPMANN, 1920, 104).

Afora estes casos de trabalhos anglo-americanos<sup>10</sup> de grande valor para a constituição do jornalismo como disciplina, o que se deve em certa medida a um estudo extensivo, mas pouco hierarquizado da bibliografia, fica de fora da sistematização de Zelizer um conjunto de obras editadas em alemão, espanhol, francês e português. Nenhum dos principais teóricos contemporâneos do jornalismo em países como Alemanha, Brasil, Bolívia, Espanha, França, Itália, Portugal, México e República Checa, para citar alguns exemplos, aparece com obras específicas na lista de Zelizer. Pode que a ausência decorra da opção metodológica de sistematizar as contribuições consideradas como mais relevantes para o estudo do jornalismo, deixando de incorporar as obras tidas como representantes de uma corrente que defende a constituição do jornalismo como disciplina científica autônoma.

Se for este o caso tampouco o procedimento parece o mais aceitável. Ao excluir da sistematização determinados autores, muitos deles fundadores desta ciência em seus países, caberia na parte metodológica ou no capítulo em que situa o jornalismo como campo de estudos acadêmicos, identificar estes pesquisadores, sintetizar as mais significativas contribuições de cada um e justificar que devido ao tipo de metodologia adotada somente trataria de obras que pudessem ser de algum modo enquadradas dentro das cinco áreas pré-estabelecidas: sociologia, história, estudos de linguagem, ciência política, estudos culturais. Este tipo de lacuna acaba por fornecer conhecimento restrito dos estudos sobre jornalismo.

Para um leitor iniciante, sem ampla fundamentação sobre a origem das teorias parece que toda produção conceitual sobre o jornalismo vem de outras disciplinas, quando, na verdade, pelo menos desde o começo do século XX, existe esforço sistemático para constituir o jornalismo em campo científico autônomo. Um esforço que para os mais apegados às datas vem do século XVII, quando da defesa da tese de doutorado, *Relationibus Novellis*, por Tobias Peucer, na Universidade de Leipzig, Alemanha, em 1690, considerado o marco zero do jornalismo como disciplina científica (GROTH, 1928; PEUCER, 2004; SOUSA, 2004).

Qualquer que seja o motivo do procedimento adotado, gostaríamos de frisar que a decisão de Barbie Zelizer acaba por nos levar a identificar a existência de duas tradições distintas entre os pesquisadores em jornalismo: 1) uma que concebe este campo como espaço de estudos de especialistas das mais diversas disciplinas; dito de outro modo, o jornalismo

serve como objeto para aplicação de metodologias de outras ciências e 2) outra que defende o jornalismo como disciplina autônoma.

A primeira, data de 1940, ganha impulso desde os anos 70 com os Estudos Culturais e tem matriz no Reino Unido e nos Estados Unidos. A segunda, mais antiga, data do começo do século XX, têm nos estudos alemães a matriz, orienta autores como Groth e Robert E. Park e boa parte dos pesquisadores da Europa Continental (Espanha, França, Itália, Portugal, República Checa) e da América Latina (Brasil, Bolívia, Cuba e México), entre outros.

No primeiro caso, como atende a interesses cognitivos externos ao campo, a pesquisa pode existir sem relação com demandas da prática. Tampouco exige a definição do jornalismo como objeto e a elaboração de metodologias e categorias de análise internas ao objeto com vistas a constituir teorias autônomas e o jornalismo como disciplina científica. Em contrapartida, no segundo caso, a pesquisa mantém vinculação direta com a prática porque existe com a finalidade de compreender as particularidades do jornalismo como prática discursiva (MACHADO, 2005).

Os conceitos e as categorias de análise, elaborados tendo em vista as contradições internas ao objeto, são uma etapa para a constituição do jornalismo como disciplina. Feita a distinção entre as duas tradições, uma lacuna que apontamos no livro de Zelizer, convém que fique claro que a superação do ponto de vista anglo-americano, aparece como segundo pressuposto para que o jornalismo seja levado a sério. No próximo tópico, tomando como ponto de partida o conceito de interdisciplinaridade, discutiremos o desafio da multidisciplinaridade como princípio.

### **3. O Desafio da multidisciplinaridade como princípio**

Um terceiro aspecto que merece reparo em *Taking Journalism Seriously* é a noção de interdisciplinaridade, conceito aplicado de variadas maneiras pelos pesquisadores, quase sempre como panacéia para os males da chamada “cegueira disciplinar”. Após concluir que muito das dificuldades para a compreensão do jornalismo são decorrentes da estrutura compartimentada da pesquisa acadêmica, em que os diálogos internos são mais frequentes que as conversas externas, Barbie Zelizer defende que levar o jornalismo a sério passa pela superação da perspectiva disciplinar do objeto, sugerindo que, tomadas em conjunto, as diferentes visões estabelecem as várias circunstâncias que devem ser consideradas quando do estudo do jornalismo como um campo, uma profissão, uma prática e um fenômeno cultural. (ZELIZER, 203-04). “...For in fine-tuning our analytical endeavors to the contours offered



by a given disciplinary lens, we may have produced scholarship that obscures more than it clarifies and that by definition keeps its sights more on the premises of a given discipline than on the impulses underlying journalism, as contradictory and unclear as they might be...” (ZELIZER, 205).

Como partes desintegradas de um conjunto, Zelizer sustenta que o presente estado da pesquisa em jornalismo, dominado pela cegueira dos estudos disciplinares, deveria servir como um sinal de advertência para todos os interessados em viabilizar uma sensibilidade interdisciplinar, que permita compreender os múltiplos lados do jornalismo. (ZELIZER, 213). “Were we to enhance our examinations of news by vigorously engaging alternative perspectives as a more integral part of our thinking, we might better appreciate each type of inquiry for what it offers and offset the longheld assumptions that one type of inquiry can tell us all that we seek to know”. E, ao final do livro, em uma paráfrase da pergunta que paira sobre as cabeças dos envolvidos com o jornalismo, questiona: A pesquisa acadêmica sobre o jornalismo sobreviverá? A própria Zelizer evita responder a pergunta de forma definitiva: “Taking journalism seriously, it is hoped, kicks off a conversation about those issues, mapping out ways in which we might take journalism seriously by seeing its shadows as well as its lights – broadly, creatively, and without prejudice” (ZELIZER, 215).

O ponto de vista de Barbie Zelizer padece de uma dupla contradição. Se as disciplinas são incapazes de possibilitar um conhecimento do objeto o que garante que um cruzamento entre os estudos de diferentes campos seja suficiente para superar a cegueira de um prisma orientado pelos pré-conceitos de cada especialista? Como operacionalizar a interdisciplinaridade no jornalismo quando Zelizer desconhece a existência do jornalismo como disciplina científica, contrariando ao conceito disponível em qualquer que seja o dicionário, em inglês ou em português, que classifica interdisciplinar como ação relacionada a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento? Estas são questões sem solução em decorrência dos paradoxos subjacentes ao projeto defendido por Barbie Zelizer: 1) a busca da legitimação do jornalismo como campo acadêmico sem uma delimitação clara do objeto, do referencial conceitual e das metodologias e 2) a profissão de fé pela interdisciplinaridade sem sequer aventar a possibilidade de que o jornalismo seja uma disciplina científica, como se - sem o respaldo de um lugar legitimado pela ciência - pudesse ditar regras aos colegas de outras disciplinas, que têm o jornalismo como objeto de estudo.

Para sair destes paradoxos Zelizer teria que perceber que – daqui em diante retomamos em parte algumas reflexões desenvolvidas em outro texto<sup>11</sup> - como todo objeto de pesquisa, o fenômeno jornalismo pode estar submetido às indagações dos mais diversos campos do conhecimento. O caráter multifacético dos fenômenos possibilita que, um mesmo objeto, neste caso o jornalismo como prática social, seja compreendido por olhares distintos. O que deve ficar claro é que cada pesquisador parte para o campo de trabalho interessado em compreender determinados pontos obscuros, que – à luz do viés de uma formação especializada - julga relevantes e transcendentais dentro do universo de expectativas de uma época dada.

Ao partir de pontos diversos, com perguntas muito distintas e utilizando ferramentas variadas, cada um, naturalmente, chegará a respostas diferentes dos demais. Como nenhum campo tem capacidade de compreensão absoluta de um dado objeto, e os resultados alcançados de forma isolada são, muitas vezes, complementares, nada mais aconselhável que - por economia de tempo, recursos e buscando acelerar a conquista dos resultados - que o trabalho de pesquisa seja confiado a grupos multidisciplinares, com mais motivos em sociedades complexas como as contemporâneas.

Um trabalho multidisciplinar, como definido pelo próprio conceito, provém de atividade conjunta de especialistas em diversas disciplinas particulares. Como campo de conhecimento estabelecido na esfera das Ciências Sociais Aplicadas era de se esperar que, com a disseminação generalizada das tecnologias digitais, o jornalismo estivesse no centro de experiências multidisciplinares de ponta para o desenvolvimento, por exemplo, de metodologias de ensino remoto, de composição de narrativas multimídia ou de modelos descentralizados de circulação de informações.

Até aqui - caso consideremos a natureza da pesquisa em jornalismo, tanto no Brasil, quanto no exterior - chegaremos à conclusão que ou o jornalismo está mal classificado na tabela das agências de fomento e, então deveríamos repensar as bases epistemológicas utilizadas para o mapeamento das áreas de conhecimento, ou a classificação está correta, mas - como defendemos neste trabalho - porque reluta em definir metodologias próprias de pesquisa, o jornalismo nem se constitui como um campo de conhecimento, nem tampouco consegue produzir saberes relevantes para estabelecer parcerias com pesquisadores de outras áreas interessados em compreender o mesmo objeto. E, mais grave do que a opção individual de cada pesquisador, como campo científico o jornalismo renuncia à função de fornecer

elementos para a compreensão do jornalismo como objeto de pesquisa, deixando de contribuir para o aperfeiçoamento do jornalismo enquanto prática social.

A ruptura com este modelo que prima pelo empréstimo metodológico, em nenhum momento, implica desconhecer que os estudos de jornalismo são essenciais para a plena radiografia do campo. Neste artigo, o que pretendemos que fique bem claro é que a superação do impasse pressupõe as contribuições dos estudiosos destas outras disciplinas, mas - para que o diálogo seja frutífero - o pesquisador em jornalismo deve perceber que sem metodologias específicas dificilmente o jornalismo vai poder contar com teorias próprias. E, sem teorias próprias, cabe ao pesquisador em jornalismo a ingrata tarefa de medir o próprio território com a vara alheia.

Resultado: na melhor das hipóteses, segue produzindo estudos que, mesmo sem se dedicar à natureza da prática profissional, são considerados de alto valor intelectual. E, na pior, nem permite o aperfeiçoamento da prática profissional, nem tampouco consegue retirar o campo do beco sem saída em que se encontra. Uma alternativa viável para a situação consiste na reformulação dos modelos tanto de pesquisa, quanto de ensino do jornalismo, em grande parte culpados deste modelo esquizofrênico que convive, de um lado, com um ensino que dispensa a pesquisa sistemática sobre o objeto e, de outro, com uma atividade de pesquisa que renuncia à invenção de matrizes metodológicas.

Se, há um século, era aceitável que a pesquisa científica em campos emergentes resultasse de ações isoladas de pesquisadores individuais, como vimos antes, hoje, com a profissionalização da ciência, o trabalho acadêmico passa pela constituição de redes multidisciplinares para o estudo de objetos comuns. A criação de redes apresenta inúmeras vantagens: 1) racionalização de recursos humanos e de infra-estrutura; 2) sinergia entre os pesquisadores oriundos de campos distintos de conhecimento e 3) ganho na escala de produção de resultados.

A pesquisa multidisciplinar possibilita, em contrapartida, que um conjunto diversificado e complementar de indagações seja feito sobre um mesmo objeto, com a vantagem de articular modelos metodológicos mais complexos, capazes de incorporar as preocupações das distintas disciplinas. Até aqui, os estudos sobre o jornalismo pouco têm dialogado com a prática profissional porque, forçoso é dizer, as metodologias tomadas de empréstimo das disciplinas conexas são inadequadas para tal fim. Independente de se o pesquisador analisa produtos ou processos, fica patente que os objetivos destas análises são

externos ao campo. O incentivo à formação de redes multidisciplinares de pesquisa que atente para uma salutar reorientação do campo do jornalismo para as Ciências Sociais Aplicadas, superando a total dependência das Ciências Sociais e Humanas é, pois, o terceiro pressuposto para que o jornalismo possa ser levado a sério.

## **Conclusão**

Antes de mais nada, gostaríamos que ficasse que claro que em nenhum momento fomos motivados pela vontade de diminuir a significação de *Taking journalism seriously*, obra muito bem acolhida entre os acadêmicos da especialidade em países de língua inglesa. Como o consideramos manual de estudo obrigatório, objetivamos chamar a atenção para alguns pontos que julgamos merecedores de reparos a fim de evitar que um retrato parcial da constituição deste campo como disciplina científica fosse aceito sem ressalvas.

A deficiência do livro decorre do fato que Barbie Zelizer em nenhum momento pergunta em que lugar, por que, de que modo apareceram, como evoluíram e nem para que servem em última instância tanto o jornalismo quanto a pesquisa em jornalismo. Se o fizesse, teria que adotar uma outra perspectiva que inevitavelmente levaria a pesquisadora a superar os limites de uma revisão restrita da bibliografia, centrada na produção anglo-americana.

Ao consultar uma parte limitada da bibliografia fora dos países de língua inglesa, Zelizer apresenta somente uma das tradições da pesquisa, de aparição recente – a dos chamados estudos de jornalismo, feitos por disciplinas como sociologia, história, ciência política, estudos culturais e estudos de linguagem – esquecendo outra tradição, mais antiga, que defende o jornalismo como disciplina autônoma, com objeto e metodologias próprias. Como uma complementa a outra, falta ao livro de Zelizer, que oferece competente sistematização da primeira, a contrapartida em relação à segunda, que poderia ser reparada em novas edições do livro ou considerada em trabalhos de outros pesquisadores.

Esperamos que, daqui para frente, não tenhamos dúvida de que para ser levado a sério o pesquisador em jornalismo deve assumir sem reservas o jornalismo como uma disciplina científica; que a articulação cada vez mais freqüente de redes internacionais de pesquisa, exige a superação do paradigma anglo-americano, uma das limitações recorrentes das obras de língua inglesa como a de Zelezir; e que, uma vez legitimado como ciência, como objeto o jornalismo possa ser estudado por redes multidisciplinares de pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

ANGELL, Norman. **The Press and the organization of society**. London: The Labour Publishing, 1922.

ARNEZ, Kathya Jemio. **Fundamentos del periodismo**. Santa Cruz de la Sierra: UPSA, 1997.

BECELLONI, Giovanni. **Il mistero del giornalismo**. Nápoli: Ligouri, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Introdução à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1959.

BRADSHAW, Paul. Resenha de Taking journalism seriously. *News and Academy*. **Journalism Studies**, Vol 5, Number 3, 2005, pp. 397-398.

BREED, Warren. **The news, society and newspaperman**. New York: Arno Press, 1980.

CORNU, Daniel. **Journalisme et vérité**. Geneve: Labor et Fides, 1994.

DANA, Charles A. **The art of newspaper making**. New York: D Appleton and Company. 1985.

DEUZE, Mark. Understanding journalism across boundaries. **Pauta Geral**, Ano 11, N 6, pp. 320-42., Salvador, Calandra.

DEUZE, Mark. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, Vol 6, number 4, 2005, pp. 421-41.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo. Como se hace el presente**. Barcelona: Paidós, 1993.

GROTH, Otto. **Die geschichte der deutschen zeitung wissenschaft. Problema und Methoden**. München: Buchverlag. 1948.

HUDEC, Vladimir. **El periodismo: esencia, funciones sociales, desarrollo**. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 1988.

JOBIM, Danton. **O Espírito do jornalismo**. Rio de Janeiro: São José, 1959.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

LA SAUREE, Octavio. **Manual de Psicologia aplicada al periodismo**. La Habana: Cultural , 1954.

LA VEDEZE, Luiz Nuñez. **Manual para periodismo**. Barcelona: Ariel, 1991.

LIPPMAN, Walter. **Liberty and News**. New York: Harcourt, Brace and Houe. 1920.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MATHIEN, Michel. **Les journalistes et le systeme mediatique**. Paris: Hachette: 1992.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

MACHADO, Elias. **A dialética do discurso jornalístico**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. ECO/UFRJ, 1992.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fontes para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MACHADO, Elias. Dos estudos sobre o jornalismo às teorias sobre o jornalismo. Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. **E-compós – Revista Científica da Associação de Programas de Pós Graduação em Comunicação** Vol 1 No 1, 2004 Disponível em <http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/ELIASMACHADO.pdf>

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo e comunicação. A saga dos cães perdidos**. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Notícia. Um produto à venda. A produção da informação na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1986, 2ª ed.

PARK, Robert Ezra. **The Immigrant Press and its problems**. New York: 1921.

PARK, Robert Ezra. **The Collected Papers Robert E. Park. Vol 3**. Glencoe: Free Press, 1955.

PARK, Robert Ezra. **The Crown and the Public**. Chicago: Chicago University Press. 1972.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Estudos de jornalismo e mídia** Vol I (2), 2004, Florianópolis: UFSC/Insular, pp. 13-31.

PONTE, Cristina. Resenha de *Taking journalism seriously*. *News and Academy*. **Media & Jornalismo**, Vol 3 (5), 2004.

RIVADANERA PRADO, Raúl. **Periodismo. La teoría general de los sistemas y la ciência de la comunicación.** México: Trillas, 1977.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 3ª ed, 1996.

SMITH, Anthony. **Goodbye Gutenberg. Newspaper revolution in 1980s.** London: Oxford University Press, 1980.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer e as origens do jornalismo. **Estudos de Jornalismo e mídia** Vol 1 (2), 2004, Florianópolis: UFSC/Insular, pp. 49-60.

STUART ADAM, G. **Notes towards a definition of journalism. Understanding an old craft as an art form.** St Petersburg, Florida: The Poynter Institute for Media Studies, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Vol 1, Florianópolis: UFSC/Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Vol 2. Florianópolis: UFSC/Insular, 2005.

ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously. News and Academy.** London: Sage, 2004.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Foge aos objetivos deste trabalho a identificação destes conceitos e categorias de análise desenvolvidos, entre muitos outros, em estudos específicos sobre o tema como os de Robert Ezra Park (1902; 1955); Otto Groth (1928-30; 1948); Emil Dovifat (1931); Carlos Rizzini (1946); Luiz Beltrão, (1959, 1969, 1976, 1980); Raúl Rivadanera Prado, 1977; Vladimir Hudec (1977); Nilson Lage (1979, 2001, 2005); Giovanni Bechelloni (1980); José Marques de Marques (1986, 2003); Cremilda Medina (1986; 2003); Adelmo Genro Filho (1987); Luiz Nuñez Lavedeze (1991); Michel Mathien (1992), Eduardo Meditsch (1992); Elias Machado (1992; 2000; 2003), Lorenzo Gomis (1993); Daniel Cornu (1994). Ciro Marcondes Filho (1986; 1993; 2000); Kathya Jemio Arnez (1997); Felipe Pena (2005).

<sup>2</sup> No caso brasileiro Zelizer cita autores como Alberto Dines, Bernardo Kucinski, Cláudio Abramo e Samuel Wainer de segunda mão, tomadas de empréstimo do livro de Silvio Waisbord, uma prática pouco recomendável em trabalhos de natureza acadêmica, em que se recomenda sempre a consulta aos originais para evitar citações fora do contexto da obra.

<sup>3</sup> Em alguns casos a auto-referência chega ao extremo em obras como *The invention of Journalism*, (1998), de Jean Chalaby, professor associado da *London School of Economics*, em que, contrariando todas as evidências, o jornalismo aparece como uma invenção anglo-americana.

<sup>4</sup> Devido à inexistência até bem pouco tempo de centros de pesquisa específicos em jornalismo muitas obras de referência para as teorias do jornalismo são oriundas de outros campos do conhecimento. Entre os casos mais notórios podemos citar as de Otto Groth, Sociologia; Warren Bread, Ciência Política e Adelmo Genro Filho, Ciências Sociais.

<sup>5</sup> Editor do *New York Tribune* entre 1849 e 1862, de Horace Greeley e dono do *New York Sun* de 1868 até a sua morte em 1897, Charles Anderson Dana ajudou a revolucionar o jornalismo nos Estados Unidos ao longo de 50 anos. Nas páginas do *Sun* apareceu pela primeira vez em 1882 a frase “Quando um cachorro morde um homem, isto não é notícia, mas quando um homem morde um cachorro, isto é notícia”, até hoje utilizada nos manuais de redação para definir notícia. Para a definição do conceito de notícia, Robert E. Park recorre a Dana que defendia a máxima que notícia é tudo que estimula a conversação entre as pessoas.

<sup>6</sup> Ralph Norman Angell-lane (1872-1927) nasceu em Holbeach, Inglaterra. Estudou na Inglaterra, França e Suíça antes de mudar-se para os Estados Unidos, aos 17 anos. Lá trabalhou como agricultor, vaqueiro e carteiro até conseguir um posto como repórter em um jornal de San Francisco. Em 1898 retornou à Europa, passando a residir em Paris, onde conseguiu o posto de sub-editor no *Dayly Messenger*. Escreveu *A Grande ilusão*, em 1910, obra em que questiona a eficiência da Guerra para trazer o desenvolvimento econômico a uma nação por meio da subjugação da outra. Em 1933 recebeu o prêmio *Nobel da Paz*.

---

<sup>7</sup> O livro de Park, publicado originalmente em alemão, em 1902, somente recebeu a primeira tradução inglesa em 1972, enquanto a tese de Breed apareceu na forma de livro em 1980, na coleção de clássicos sobre Sociologia, da Arno Press. Ver (MACHADO, Elias. Robert Ezra Park como pioneiro da pesquisa em jornalismo. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol 2 (3), 2005. Florianópolis: UFSC/Insular.

<sup>8</sup> *The immigrant press and its problems*, uma outra obra importante de Robert E. Park, em que o teórico sustenta que o jornalismo exerce uma dupla relação para com a sociedade - nascendo como uma demanda dela e ao mesmo tempo servindo como um mecanismo de controle social pela disseminação de informações sobre o que ocorre na comunidade - tampouco consta extensa lista de obras de referência em que são indicados muitos artigos de periódicos, muito menos relevantes para as Teorias do Jornalismo.

<sup>9</sup> Um mérito reconhecido pela própria Zelizer nos comentários na página 53. Lamentavelmente, mesmo lançado 24 anos antes, como Zelizer toma como referência o artigo publicado por Breed na revista *Social Forces* em 1955 "*Social control in the Newsroom: A functional Analysis.*", o leitor de *Taking Journalism Seriously* fica sem acesso ao original que pode ser adquirido em qualquer sebo virtual.

<sup>10</sup> Tampouco aparece na bibliografia *Goodbye Gutenberg, Newspaper revolution in 1980s*, de 1980, do inglês, Anthony Smith, referência obrigatória para compreender as mudanças tecnológicas no campo do jornalismo. Como ocorrera com Walter Lippman, Zelizer cita três outros livros de Smith, mas passa ao largo deste trabalho que pode ser considerado como o precursor dos estudos sobre a digitalização no jornalismo.

<sup>11</sup> Ver MACHADO, Elias. Dos estudos sobre o jornalismo às teorias sobre o jornalismo. Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. **E-compós – Revista Científica da Associação de Programas de Pós Graduação em Comunicação** Vol 1 No 1, 2005 Disponível em <http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/ELIASMACHADO.pdf>